

KINGSLEY, PATRICK (2016).

*A nova odisseia. A história da
crise europeia dos refugiados*

Trad. Carlos Leite. Lisboa: Relógio d'Água, 275 p.

Disponível em: <http://relogiodagua.pt/produto/a-nova-odisseia/> (acedido em 30/09/2017)

O jovem jornalista Patrick Kingsley foi o primeiro correspondente do jornal *The Guardian* a trabalhar em exclusivo para a temática das migrações. O seu trabalho tem sido distinguido com vários prémios, destacando-se o “Frontline Club Award” de jornalismo impresso, assim como a nomeação para Jornalista dos Assuntos Estrangeiros do Ano nos “British Journalism Awards” de 2015.

Nesta obra, o autor apresenta-nos um relato de sobrevivência em condições extremas, num complexo exercício de “observar” e de ser “observado”. Em dez capítulos, prólogo e epílogo, Patrick Kingsley apresenta ao leitor a história do refugiado Hashem Al-Souki, um sírio de trinta e sete anos, que empreende a fuga do seu país natal com a esposa e os três filhos, numa viagem a vários ritmos, plena de desencontros, de avanços e recuos, de barreiras, de constrangimentos, de medos, mas também com a possibilidade de aspiração a uma vida digna, com segurança.

A imagem inicial contida no prólogo faz o leitor antever que se tratará de um relato o mais aproximado possível da realidade: o autor indica o tempo preciso (“Quarta-feira, quinze de abril de dois mil e quinze, vinte e três horas”) e a localização perigosamente imprecisa (“Na escuridão do mar alto...”) em que Hashem tenta cruzar o Mar Mediterrâneo. Numa embarcação sobrelotada onde cada vez mais se ouvem gritos de desespero, as mulheres tentam acalmar as crianças, enquanto os homens procuram sinais de localização. Nisto há uma imagem terrível de degradação humana: perante as condições precárias de navegabilidade, os viajantes vomitam uns sobre os outros. É neste contexto de perigo e humilhação que Patrick Kingsley inicia o relato de Hashem Al-Souki,

em representação de toda uma geração de deslocados que procura refúgio em países da União Europeia.

São apresentados aspetos essenciais à compreensão da viagem, desde a cartografia seguida pelos refugiados, até algumas estatísticas que pretendem dar ao leitor uma aproximação à dimensão humana da tragédia. Aspetos aparentemente triviais como o conteúdo da mochila de Hashem ou o seu diário de viagem, também são abordados como forma de proporcionar o máximo de conhecimento sobre a dinâmica inerente à deslocação. Além disso, são outros os nomes que se cruzam com o autor nesta história, como é o caso da grávida Fattemah (em risco de perder um bebé), de Nasser e de Hammouda. De Mohamed Hussein e do namorado. De Galbari al-Hussein e dos seus filhos. De Omar e de Ibrahim, dois dos sobreviventes do naufrágio mais mortífero do mediterrâneo. Neste livro, (quase) todos os que procuram refúgio têm nome.

Além disso, vai sendo realizada uma reflexão em torno da posição dos líderes políticos europeus, do endurecimento fronteiriço e da forma como alguns governos (por exemplo, o britânico) tentam estancar a entrada de refugiados nos seus países. Para isso, tentam diminuir a dimensão numérica das quotas de entrada, argumentando com o fato de financiarem campos de refugiados sírios no Líbano e na Jordânia.

No final, em aberto, Patrick Kingsley dá a conhecer que Hashem conseguiu chegar à Suécia e que já fez o pedido de reagrupamento familiar. Ambos deixam mensagens de agradecimentos e de alento em notas conclusivas. O autor refere-se ao sentimento de ansiedade e impotência que mediou toda a recolha de informações sobre o percurso migratório deste refugiado, uma vez que, com a devida autorização, seguiu de perto toda a viagem sem poder/querer intervir. Por seu lado, Hashem revela que pretendeu que o jornalista o seguisse de perto, para poder relatar na primeira pessoa a experiência observada, com o objetivo de dar a conhecer à sociedade o momento histórico de horror e, mesmo assim, de esperança, que hoje se vive às portas da Europa.

Esta obra tem dois finais felizes. O primeiro é relatado no livro: trata-se dos laços de amizade que Patrick Kingsley e Hashem Al-Souki desenvolveram e fortaleceram ao longo da dura jornada entre a Síria e a Suécia. O segundo não é relatado no livro, mas pode e deve ser relatado: o jornalista deu a conhecer,

via twitter, que a esposa e os filhos de Hashem já estão com ele na Suécia. O (feliz) reagrupamento familiar ocorreu em Março de dois mil e dezassete. Ainda há histórias inspiradoras de esperança nesta nova odisséia.

FATIMA VELEZ DE CASTRO

velezcastro@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Geografia e Organização do Território